
GALERIA JANUÁRIO GARCIA

NOSSA HOMENAGEM EM TEXTOS E IMAGENS AO HOMEM QUE REGISTROU
COM SUA ARTE O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Januário Garcia era onipresente nas ações de combate ao racismo. Nos últimos 50 anos, o fotógrafo e artista esteve presente com suas lentes e opiniões nas principais ações do Movimento Negro. Com o NEAB-D esteve desde o início. Em 2015, no lançamento do Núcleo, nos brindou com a exposição *A África e a Diáspora Negra – Nossa Gente* e contou aos presentes sua trajetória de vida. Janu, quando garoto, foi interno da FUNABEM. Januário Garcia, adulto, um dos mais respeitados fotógrafos do país.

O primeiro número da **Revista Aú**

teve como capa uma imagem criada por Janu. Ainda na Revista Aú, nessa edição, Januário Garcia é lembrado por suas ações em defesa da equidade racial no texto em homenagem à escritora Ana Maria Gonçalves.

**AGORA, JANU VAI RETRATAR O
ÒRUN COM SUAS LENTES!
VIVA JANU!!!**



VALEU JANU!

Januário Garcia foi embora
Virou ancestral da memória
Fotografou por este mundo afora
Fez da fotografia
Seu instrumento de luta
E a sua profissão
Artista de mão cheia
Carrega nas veias
A arte antirracista
Chegou a viver nas ruas
Enfrentou dificuldades

O menino interno da Funabem
Do racismo não foi refém
Tornou-se exemplo de superação
Virou cidadão do mundo
Ícone do Movimento Negro
Acima de tudo um ser humano
Que fez a sua parte
Com sua arte
Para tornar este país menos insano
Valeu Janu!
Janu, valeu!

Aderaldo Gil, Rio, 06.07.21



Nenhuma palavra será suficiente para descrever quem é, foi e sempre será Januário Garcia Filho. Contudo, nos parágrafos seguintes falarei sobre o Janu que antes de ser militante era fotógrafo e antes de ser fotógrafo era um amigo leal, pai, avô, mestre e Griot. Janu e eu nos conhecemos em uma de suas exposições e estabelecemos uma relação de professor e aluna, que ao longo dos anos transcendeu a fotografia... Neste espaço de tempo, viajamos, fotografamos e conversamos por longas horas sobre os mais diversos assuntos sendo um deles o mais re-

corrente: o papel social do nosso trabalho enquanto negros fotógrafos.

Como mestre e Griot, não era necessário que esse assunto, recorrente, se apresentasse diretamente em forma de lição, pois em cada estória narrada por Janu; sua visão de mundo estava presente. A sua perspectiva sobre dignidade, autoestima, ancestralidade, ética e amabilidade chegava até mim através de cada gesto e respiro, dado entre uma palavra e outra.

Certo dia sentado à mesa com uma

luz de janela suave, batendo em seu rosto, conversávamos sobre algo que gostávamos muito de fazer, cozinhar. Janu me contou como ele e seus irmãos esconderam a galinha que criavam para que sua mãe não a fizesse no jantar e que sua mãe deixou-se enganar pelos filhos por um tempo para evitar o sofrimento de perderem a galinha de estimação. Rimos tanto que posso me lembrar como se fosse hoje da sua gargalhada e da voz empolgada ao contar sobre sua infância, família e a relação de afeto que tinha com a comida. Assim, essa relação de

afeto com a culinária também se tornou um dos pilares da nossa relação, pois além de trocar receitas, preparávamos pratos e os fotografávamos até de celular para provocar a barriga do outro. Como os assuntos entre nós eram infinitos, essa conversa nos levou aos pratos que ele experimentou e aprendeu a preparar em suas viagens pelo mundo e ao falar de sua viagem à Rússia me disse: “Maiara, a fotografia me levou a lugares que eu jamais imaginei conhecer um dia”.

Vejam que a partir de uma memória

de sua infância em Minas Gerais fomos até a Rússia e assim era qualquer conversa com Janu, pois ele tinha o dom de contar histórias e embarcar nelas era um verdadeiro aprendizado sobre a vida, dignidade, afeto e a razão de seu viver, a fotografia.

Janu retornou ao Orun semeando seu riso, afeto, memória e intelectualidade em cada um de nós com a certeza de que seremos árvores fortes e milenares como os Baobás que fotografou.

ATÉ ALGUM DIA, MEU MESTRE!

Mariana Maiara - Fotógrafa

...*Existe uma história do povo negro sem o Brasil*

Mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro...

JANUÁRIO GARCIA



O preto Januário Garcia Filho, um dos cinco filhos da Dona Geralda da Mata Garcia e do Seu Januário Garcia, nasceu em 16 de novembro de 1943, lá pelas bandas das Minas Gerais, na periferia de Belo Horizonte. Pai e mãe falecidos, se mandou cedo pro mundo. Chegou, sozinho, aos 13 anos, ao Rio de Janeiro. Dormiu pelas ruas até aos 16 anos, quando foi levado para o SAM. No ano seguinte, se alistou como voluntário no Corpo de Paraquedistas do Exército. Com os primeiros soldos comprou a primeira máquina fotográfica. Seus primeiros

registros foram os outros soldados e as curiosidades da Vila Militar. Começava ali a trajetória de um dos mais brilhantes intérpretes dos universos díspares comunicados nas vidas e nas relações de poder entre brancos e pretos na afrodiáspora.

Fundador e um dos primeiros presidentes do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e membro do Conselho Memorial Zumbi, se formou em Comunicação Visual pela International Camaramen School de Londres e foi autor de mais de 100 mil fotos ao longo da carreira. Passou pelas reda-

ções dos jornais O Globo, Jornal do Brasil e O Dia, e também co-produziu álbuns de grandes artistas da música brasileira durante as décadas de 1970 e 1980. Mas Para além do jornalismo fotográfico e artístico, as performances do Janú, registradas nas lentes desde a primeira Olympus, contribuiram com importância incomensurável para história do movimento negro brasileiro, e a reinterpretação do Brasil.

Tivemos a oportunidade de travar boas disputas políticas no âmbito do

movimento negro. Em uma noite de maio de 1987, durante o debate, em assembleia, precedente à votação para a nova diretoria do IPCN, depois das intervenções dos militantes, as suas palavras que o reconduziria ao segundo mandato de presidente da instituição: “estão querendo me caracterizar como a direita do movimento negro, mas o movimento negro não tem direita nem esquerda, tem compromisso com a nossa ancestralidade”. Era a chave do debate contemporâneo sobre como promover a luta antirracista fora da dicotomia que marginaliza ao

tempo em que manietta a nossa força preta.

Lembramos, também, de compartilhar uma das produções mais destacadas para a visibilidade da luta contra o racismo na História do Brasil. Em 1996, participamos da elaboração de uma pesquisa que mapeava comunidades remanescentes para a produção da “História dos Quilombos do estado do Rio de Janeiro”. Naquela oportunidade identificamos, dentre outras comunidades, a da guerreira Maria Conga, no município de Magé,

vizinho de Guapimirim, quando recolhemos depoimentos novas imagens distintas, retratadas pelas lentes da História, na habilidade de Januário Garcia.

“As imagens retratam a luta diária do negro para conseguir se inserir nessa sociedade, seu cotidiano, sua cultura, a alegria durante o carnaval entre tantos outros momentos. São registros que nos permitem adentrar suas casas e transitar pela história de lutas e conquistas do movimento negro no Brasil. Através destas imagens é possível

serem encontradas, ainda nos dias de hoje, marcas e reflexos de um passado não superado”, descreve o site oficial do artista. O grande Janú faleceu aos 77 anos na noite do último dia 30 de junho, vítima das complicações pelo Covid-19.

O PRETO JANUÁRIO GARCIA FILHO

Professor Luís Cláudio de Oliveira
(FEBF/UERJ)

1943



2021

**"EXISTE UMA
HISTÓRIA DO
NEGRO SEM O
BRASIL. O QUE
NÃO EXISTE É
UMA HISTÓRIA
DO BRASIL SEM
O NEGRO."**

JANUÁRIO GARCIA



IMAGENS

1. Januário Garcia no lançamento do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Degase –Acervo do NEAB-D
 2. Januário Garcia no Quilombo de Palmares conta como foi a invasão à Serra da Barriga e a visão do movimento negro sobre esse solo sagrado – Foto de Mariana Maiara
 3. Januário Garcia no lançamento do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Degase –Acervo do NEAB-D
 4. Homenagem do Coletivo de Fotógrafos Negros à Januário Garcia – Foto de Jorge Ferreira
-